MARIA APARECIDA VAZ RODRIGUES DE MELO

DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA E DA LINGUAGEM

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS
NÚCLEO DE APOIO DE ZONA LESTE
JABOTICABAL – SP
2008

MARIA APARECIDA VAZ RODRIGUES DE MELO

DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA E DA LINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa e Aspectos Gramaticais.

Orientador: Prof. Luiz Roberto Wagner

FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE ZONA LESTE
JABOTICABAL – SP
2008

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida que me foi concedida e aos meus pais pelo amor e carinho que me foi dedicado para que eu pudesse sempre caminhar em busca dos meus objetivos.

Aos professores tutores, pela dedicação e paciência nos momentos em que precisamos. E obrigado por repartir seus conhecimentos para que possamos melhorar o nosso aprendizado.

Aos colegas de classe pela companhia dos momentos que passamos juntos.

Segundo Rebelo (1993) ao citar Jeanne Chall [...] ler é compreender a linguagem escrita e reagir a ela – reagir no sentido amplo de compreender, tanto de modo literal como interpretativo." Se o aluno consegue ler, então deve saber interpretar, e deverá certamente conseguir reproduzir oralmente a mensagem do que foi lido, ouvido ou narrado (Segundo Rebelo 1993 ao citar Jeanne Chall).

RESUMO

Este trabalho monográfico tem o intuito de apresentar teorias e técnicas para que se possa desenvolver a escrita e a linguagem no ensino pré escolar com o objetivo de um melhor aprendizado. É uma pesquisa baseada em estudo de especialistas que tem como propósito contribuir para a melhoria, atualização e necessidade que se apresentam de forma essencial para a aprendizagem. Com base nesses estudos, abordamos no Capítulo 1, um pouco da história da escrita e da linguagem, que apesar das transformações ocorridas ao longo dos séculos, poucas coisas mudaram, pois muitos educadores ainda estão apegados a uma prática formalista e mecânica, onde aprender a ler/escrever acaba sendo para a maioria dos alunos a decoreba de signos lingüísticos, Capítulo 2 – Processo de ensino da aprendizagem infantil - foram constatadas algumas evidências, como procurar considerar o meio ambiente cultural em que a criança convive, pois dependendo da experiência de vida, a criança passa de maneira diferente pelo processo de aprendizagem, apenas a interação da criança com a escrita na escola, não é suficiente para o processo de aprendizagem, atenção e interpretação ao que a criança escreve, desde um simples rabisco às letras. A importância do professor para esse processo de desenvolvimento em interagir com a criança, estimular a sua participação, motivá-la, ou seja, estar atento ao seu desempenho e evolução.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6

1 - HISTÓRIA 8
1.1 Surgimento das primeiras escritas e sua evolução 8
1.2 Surgimento das cartilhas e das escolas 10

2 - PROCESSO DE ENSINO DA APRENDIZAGEM 12
2.1 Conceito de aprendizagem infantil 12
2.2 Primeiras fases da criança no ensino pré-escolar 12
2.3 Iniciação à escrita e seu processo de desenvolvimento 13
2.4 O processo de desenvolvimento da linguagem 16
2.5 A importância e o papel do professor 18
2.6 Processo de início à alfabetização 20
2.7 Aprendizagem e desenvolvimento da leitura 20

CONSIDERAÇÕES FINAIS 23

REFERÊNCIAS 25

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa realizada neste estudo pretende oferecer idéias que buscam oportunizar o desenvolvimento da escrita e da linguagem a partir da fase pré escolar, bem como da intervenção pedagógica utilizada para esse desenvolvimento infantil, especialmente em fase da aquisição da escrita.

Os aspectos históricos do desenvolvimento da escrita e da linguagem aqui serão abordados desde o século X a.C., no mundo ocidental, onde ocorreu a descoberta do alfabeto e conseqüente a escrita alfabética a qual foi concebida para representar a fala. Apresentam-se também os distúrbios que influenciam a aprendizagem de crianças, cujas famílias são desestruturadas, e consequentemente, com problemas comportamentais e de aprendizagem, tendo em vista as implicações relacionadas ao desenvolvimento da escrita e da linguagem.

Constata-se, que na atualidade, os métodos utilizados para desenvolver a escrita e a linguagem a parti da pré escola, utilizando como recursos cartilhas e livros didáticos, no qual o papel do professor é o de apresentar e fixar sílabas (fragmentos, na maioria das vezes, desprovidos de significação concreta da realidade da criança), e o dos alunos o de mecanizar por meio de discriminação visual e auditiva, reproduzir a escrita e treinar a coordenação motora, distancia-se cada vez mais do despertar a atenção e de contemplar o interesse das crianças na escola.

A metodologia continua até hoje, em muitas escolas, uma prática de fragmentação da língua em vogais, encontros vocálicos, sílabas simples e, por último, em sílabas de estruturas complexas (dígrafos e encontros consonantais).

Muitos alunos continuam analfabetos por muitos anos, sendo induzidos à diminuição de sua auto- estima, à introjeção da incompetência e acabam por receber o estigma de alunos com problemas de aprendizagem.

Cabe lembrar, que as crianças desde muito novas aprendem a fazer outros tipos de leituras, que utilizam outros códigos de representação, como por exemplo a leitura das imagens que irá contribuir para a formação do pequeno leitor.

Por fim, esta pesquisa busca compreender as dificuldades de aprendizagem encontradas pelos alunos, em sua maioria, são produtos da falta de domínio da leitura e da escrita, manifestando-se mais adiante no ensino fundamental, onde os alunos em sua maioria não sabem redigir um texto, cometendo erros de ortografia, não sabem interpretar texto, pois não foram estimulados para isso e também busca evidenciar-se, a premência de mudanças profundas na natureza das relações educacionais, em que a compreensão do papel de cada um dos envolvidos nesse processo de desenvolvimento seja bem diferente do atual para que no futuro, os alunos não sofram as conseqüências de se tornarem adultos com dificuldades de redigir um texto ou interpretá-lo, de expor suas próprias idéias, por conta de que não foi preparado para tal desempenho.

1- HISTÓRIA

Segundo Cagliari (1998, p. 12): “A alfabetização é pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. De certo modo, é a atividade escolar mais antiga da humanidade”.

Portanto abordaremos um pouco a história da escrita.

1.1 Surgimento das primeiras escritas e sua evolução

A escrita surgiu na vida do homem a partir da necessidade social de se comunicar em um sistema pictográfico e inicialmente não apresentava uma relação com a fala. Ela tem origem no momento em que o homem aprendeu a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Pode-se dizer que a pintura foi um antecedente da escrita. Esse sistema de comunicação expressava apenas as idéias visuais.

Esse sistema de comunicação expressava as idéias visuais, inicialmente não apresentava uma relação com a fala. Esta surgiu acompanhada de um notável desenvolvimento das artes.

O homem pré histórico já lia os sinais da natureza e os interpretava, assim como tentava reproduzir mensagens nas pedras e rochas. Isso deu origem aos primeiros pictogramas com intenção expressa de comunicar, embora esses desenhos primitivos assegurassem uma mensagem precisa para seus semelhantes.

Na pré história houve, então a representação das palavras por meio de desenhos, numa determinada ordem, isto é, havia um significado para cada desenho. Essa tentativa de representar o mundo foi utilizada por diferentes povos, em diferentes épocas. Ocorreu com os Sumérios, com os Chineses e com os egípcios, que chegaram a construir uma escrita com seiscentos pictogramas. Segundo Cagliari (1993, p. 106), “ A história da escrita vista no seu conjunto, pode ser caracterizada em três fases distintas: a pictória, a ideográfica e a alfabética”.

A história da escrita pode ser descrita da seguinte forma: a fase pictória se distingue pela escrita através de desenhos ou pictogramas, os quais aparecem em inscrições antigas, na escrita asteca, nas histórias em quadrinhos, entre outros. Os

pictogramas não estão associados a um som, mas á imagem do que se quer representar.

Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade e um exemplo mais recente dessa fase são as historinhas em quadrinhos.

A etapa lexical-silábica inicia-se por volta de 3100. a.C. com os sistemas pictográficos, cujas formas sofrem um processo de estilização para facilitar o traçado e cujo uso é gradativamente convencionalizado. Foram os fenícios, com seu espírito prático de comerciantes, que se apossaram da complicada escrita lexical-silábica dos egípcios, derivada dos hieróglifos, e dela extraíram 24 símbolos, os mais simples, para formar o silabário. Este silabário era constituído apenas de consoantes, sendo que esporadicamente, as semi-consoantes (w e y) serviam para representar as vogais (u, e i).

A fase ideográfica caracteriza-se pela escrita, através de desenhos especiais chamados ideogramas. Esses desenhos foram, ao longo do tempo, perdendo alguns traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se umas simples convenções da escrita. As letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução, sendo que as escritas ideográficas mais importantes são a egípcia, a mesopotâmia, os escritos da região do mar Egeu e a Chinesa.

A fase alfabética caracteriza-se pelo uso de letras, que tiveram origem nos ideogramas, mas que perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função da escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictório e passou a ser simplesmente uma representação fonética. As idéias são representadas graficamente por sinais convencionais (letras) que reproduzem os sons dos vocábulos correspondentes na língua falada.

Foi o silábico fenício que os gregos tomaram para a base de sua escrita. A partir daí, a colocação da vogal depois da consoante se firmou entre os gregos como norma. Dessa forma, passou-se da silábica para a escrita alfabética. A descoberta do alfabeto ocorreu no século X a.C.

A escrita que se fala deriva do ramo da escrita grega e, embora a escrita alfabética tenha sido concebida para representar a fala, ela não chega a ser fonética.

“Os sistemas mais importantes são os semítico, o indiano e o greco-latino. Desse último provem o nosso alfabeto (latino) e o cirílico (grego), que originou o atual alfabeto russo”.

A escrita é um código e representa o que se pensa ou se fala. Ela foi evoluindo paulatinamente através da necessidade de cada povo em querer desvendar e interpretar sua forma de comunicação, sendo esta necessária para o conhecimento humano, passando a ser um marco histórico da passagem entre a Pré-História e História.

1.2 Surgimento das cartilhas e das escolas

As primeiras “cartilhas” surgiram com o Renascimento (séculos XV e XVI) e sobretudo, com o uso da imprensa na Europa.

A preocupação com os leitores aumentou, uma vez que se produziam uma quantidade maior de livros, sendo o seu consumo cada vez maior. Por isso, a preocupação com a alfabetização passou a ter uma importância muito grande.

A primeira conseqüência disso foi o aparecimento das primeiras “cartilhas”. Nessa época, surgem as primeiras gramáticas das línguas neolatinas, fato esse que motivou gramáticos a se dedicarem também à alfabetização: era preciso estabelecer uma ortografia e ensinar o povo a escrever nas línguas vernáculas, ou seja da própria região, deixando de lado cada vez mais, o latim.

Para ensinar ortografia, o professor mandava os alunos copiarem cartas modelos e documentos comerciais para aprenderem, ao mesmo tempo, coisas úteis para a vida. Nesse módulo de ensino, aparece uma distinção clara entre ler e escrever.

A leitura era dirigida para as coisas religiosas; a escrita para o trabalho na sociedade. Esse modelo de escola partiu da França e teve grande repercussão nas escolas dirigidas por religiosos em outros países.

Após a Revolução Francesa, surgiu o ensino mútuo que se espalhou, sobretudo, entre povos anglo-germânicos. Os alunos aprendem em aulas de 15 minutos, estudando exercícios fáceis e em coro, ao redor de lousas colocadas nas paredes da sala. O ensino é nitidamente coletivo, sendo dado para classes e não mais com atenção individual.

O ensino realizado com muitos alunos em uma classe acabou criando um tipo de escola para as crianças: as escolas infantis, jardim de infância ou escolas maternais

iniciadas em 1816, destinadas aos filhos de operários, na Escócia. Essas escolas logo se espalharam e passaram a cuidar da alfabetização das crianças. O primeiro jardim de infância foi fundado em 1837.

A Revolução Francesa trouxe grandes novidades para a escola. Uma delas foi a responsabilidade com a educação das crianças, introduzindo a alfabetização com matéria escolar. Alfabetização popular, nessa época, significava a educação dos ricos que não tinham ligação com a nobreza, ou seja, membros da burguesia.

Diante dessa nova realidade, as antigas cartilhas sofreram uma modificação notável. Com a escolarização, o processo educativo da alfabetização tinha de acompanhar o calendário escolar. Como as antigas cartilhas fossem simples esquemas, passaram a ser mais desenvolvidas. O estudo foi dividido em lições, cada um enfatizando um fato. O ensino silábico passou a dominar o alfabético. O método do bá – bé – bi – bó – bu começava a ser adotado. Com poucas modificações superficiais, esse tipo de cartilha iria ser modelo dos livros de alfabetização.

A moda das escolas que ensinavam as crianças a ler e a escrever espalhou-se pelo mundo. Apesar de a escola se encarregar da alfabetização, os alunos que freqüentavam essas escolas pertenciam a famílias com certo status na sociedade. O povo simples e pobre continuava fora da escola.

2 – PROCESSO DE ENSINO DA APRENDIZAGEM INFANTIL

2.1 Conceito de aprendizagem

Aprendizado ou aprendizagem é o processo pelo qual a criança adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir de seu contato com a realidade, com o meio ambiente e com as pessoas. A idéia do aprendizado inclui interdependência das pessoas envolvidas no processo, isto é, a relação entre aquele que aprende e aquele que ensina. Em outras palavras, o aprendizado ocorre na interação social. Ele dá relevante importância ao papel do outro no desenvolvimento das crianças, pois considera que estas só se desenvolvem em relação ao ambiente em que vive com suporte de seu grupo de iguais.

2.2 Primeiras fases da criança no ensino pré escolar

Quando a criança vai à escola (ensino infantil) ela já sabe falar, a sua linguagem é aquela que aprendeu em seu meio social de convivência, mas ao chegar à escola, a sua função é mostrar ao aluno a sua grande variedade de usos da fala, trabalhando com eles os diferentes níveis (do mais coloquial ao mais formal).

> "(...) Aprender não é repetir algo que foi ensinado, mas criar algo semelhante, a partir da iniciativa individual de quem aprende. Quando simplesmente se repete um modelo, não corre exatamente uma aprendizagem. Ela vai aparecer somente quando a pessoa, por ação própria, conseguir realizar algo de acordo com as suas expectativas alheias."
> (Cagliari, 1998, p.37)

O desenvolvimento da criança, em sua maioria, depende das informações que o educador transmitir. A partir do momento que estas informações são transmitidas estará começando o processo de ensinar as letras. Primeiro é ensinado como escrever cada letra, em seguida é explicado como juntar as letras para formar palavras pequenas, começando pelas palavras simples, para não confundir as cabecinhas delas.

Esse processo é bastante lento, a criança precisa exercitar bastante as combinações silábicas que são ensinadas pelo professor, copiando-as e lendo-as, vezes seguidas.

Assim essa criança no futuro poderá por si só, aprender a ler e escrever.

Não devemos exigir de uma criança, que desde o princípio que ela fale, conforme as convenções da língua. Percebendo compreendida, a criança evolui na sua aprendizagem.

O desenvolvimento de aprendizagem da escrita e da linguagem da criança depende do adulto, pois não pode impedir a livre iniciativa e muito menos desvalorizá-la, independendo de como a criança se expressa ou se comunica, ela terá que ter o incentivo para melhorar com o passar dos anos.

O ler e escrever devem evoluir como linguagem espontânea com a participação da criança.

À medida que os contatos com situações gráficas de escrita se intensificam, o material gráfico se transforma em algo que desperta a sua atenção e o resultado é a formulação de idéias a respeito desse objeto social.

2.3 Iniciação à escrita e seu processo de desenvolvimento

> "desde muito pequena a criança precisa conviver com práticas sociais de leitura e escrita [...] é importante saber que a história da escrita começa muito cedo na vida da criança. De acordo com Vygotski (1995), a escrita não começa no momento em que colocamos um lápis na mão da criança. A linguagem escrita tem uma longa história que começa no primeiro gesto, quando o bebê tenta se expressar e se comunicar apontando o objeto de seu desejo. Em outras palavras, a história da escrita começa com a vontade da criança se expressar; de se comunicar."
> (Miller; Mello, 2008, p.35 apud Vygostski,1995)

A escrita precisa ser apresentada à criança como um instrumento que tem uma função social: a função de expressar ou comunicar informações, idéias, sentimentos.

Abordaremos a iniciação à escrita com base em pesquisa desenvolvida pelos teóricos Luria colaboradora de Vygotsky.

Nos estudos elaborados por esses teóricos pôde ser observado que na repetição de uma série de sentenças ditadas às crianças para que pudessem memorizá-las e repeti-las na ordem em que foram colocadas, como a dificuldade dessas crianças era visível, pôde ser observado o percurso que a criança percorre na aquisição da escrita. Descobriu que primeiro as crianças imitavam os movimentos do adulto na forma mecânica, reproduzindo rabiscos sem nenhuma relação com as sentenças que se

ditava. Os rabiscos não auxiliavam em nada para que as sentenças pudessem ser relembradas.

Com esses rabiscos, as crianças não conseguiam lembrar da sequência das sentenças e tampouco do seu conteúdo. A esse tipo de grafismo, denominou rabiscos mecânicos.

Num segundo estágio de evolução do grafismo, foi observado que as crianças faziam uma espécie de mapeamento que lhes permitia relembrar o conteúdo, deixando marcas ou pistas que as orientassem pela posição no espaço, chamadas de marcas topográficas.

Num terceiro momento, as crianças utilizavam-se de desenhos estilizados como forma de escrita. Nesse estágio, elas começavam a se preocupar com as diferenças de conteúdo das sentenças ditadas, atentando para o ritmo da fala; assim faziam rabiscos grandes para frases longas. As crianças preocupavam-se de distinguir através de rabiscos o conteúdo dito em relação à quantidade de palavras faladas, o tamanho das sentenças, forma e outras características possíveis de se perceber. Assim as crianças usavam essas diferenciações como suporte para memorização das sentenças. Nesse ponto as crianças descobriam a natureza instrumental da escrita (registrar, guardar na memória, comunicar) através de suas representações pictográficas, utilização de desenhos com instrumentos, como signos mediadores que representam os conteúdos das sentenças e lhes possibilitam a memorização.

Com base nos estudos desses teóricos, alguns educadores utilizam essa metodologia de ensino que é aplicada nas escolas para as crianças, a partir do ensino pré escolar, para o desenvolvimento da escrita e da linguagem, ou seja o professor deve dar atenção aos rabiscos feito pela criança; Quando rabisca, ela já tem a intenção de escrever algo, através da elaboração desses rabiscos irá conhecer as idéias dessa criança e à medida que vão evoluindo e essas idéias também vão se modificando.

Assim as crianças que têm mais oportunidades de contatos com material impresso, livros, revistas, assimilam mais rápido o que é desenhar e o que é escrever, fazendo distinção do que é texto e do que é gravura, podendo até mesmo pular a fase de representação pictográfica, por entender que desenho não é escrita. Em outras situações, as crianças podem usar apenas uma letra para registrar informações

diferentes, como por exemplo “A” para sapato, “A” para porta, e, assim, sucessivamente, a mesma letra para nomes de objetos diferentes. Isso ocorre quando a criança ainda não conhece a função instrumental da escrita, usando a mesma letra como “marca” não diferenciada. Esse percurso demonstrado por esses teóricos, é mais fácil observado em crianças de grupos culturais não escolarizados (zona rural, periferias das grandes cidades, pais analfabetos), porque nas zonas urbanas as crianças possuem mais acesso aos conhecimentos de leitura e escrita no meio familiar ou nas escolas infantis/creches-escolas, além de estarem constantemente estimuladas pelos meio de comunicação, out-doors, faixas, letreiros, rótulos, propagandas, entre outros veículos.

As crianças do meio urbano entram muito cedo na escola e estão em permanente contato com: computadores, filmes, televisão, entre outros estímulos visuais e sonoros. As crianças que se desenvolvem num meio onde a presença da língua escrita é marcante avançam rapidamente na alfabetização.

As primeiras tentativas de escrita, progridem na direção das letras.

O domínio da língua escrita é dependente de algumas habilidades: reconhecimento de letras, exercício dos seus traçados, denominação dessas letras e das sílabas que elas permitem compor, transcrição de sons da fala em seus equivalentes gráficos ou o inverso. Tais habilidades evoluíram a partir de uma etapa de preparação voltada para destrezas motoras e perceptivas, as quais ampliaram as condições necessárias à realização dos traçados e à identificação do material impresso. A língua escrita é entendida como se reduzindo à aprendizagem de técnicas de codificação e decodificação, unidades sonoras sendo transformadas em unidades gráficas durante o ato de escrita e o inverso, em se tratando de leitura, respectivamente.

Determinados critérios orientam treinos de associações graduadas numa certa sequência.

Após o preparo motor e perceptivo inicial e repetindo vezes seguidas umas poucas associações entre unidades gráficas e sonoras, chega finalmente o dia em que a criança se torna apta a identificar as palavras fora do contexto em que elas foram

treinadas. O êxito da aprendizagem abre a possibilidade de mais algumas poucas palavras serem introduzidas para novas associações e assim por diante.

Entretanto, a língua escrita não é um simples código de transcrição e, sim, um outro modo de representação da linguagem. A língua escrita tem suas regras de produção e recepção, bem como circunstâncias próprias de uso.

2.4 O processo de desenvolvimento da linguagem

A aprendizagem da fala e, consequentemente, da leitura e da escrita é um processo progressivo, no qual a criança vai integralizando experiências auditivas, verbais e visuais, diferenciando sons e símbolos, uns dos outros, atribuindo-lhes significados e armazenando-os na memória, e melhorando o nível de desempenho.

Sabemos que a linguagem é o ponto central no desenvolvimento, mas não podemos dizer que ela seja sempre imprescindivelmente, o mais importante no processo educativo. Enquanto as habilidades representacionais são necessárias para o pensamento, e o facilitam, a capacidade verbal não reflete pensamento ou inteligências superiores. Não é verdade que as crianças aprendem melhor e adquirem mais conhecimento através da linguagem.

É preciso considerar que o conhecimento ativamente adquirido é a base sobre a qual se constrói a compreensão. Isso significa que competência verbal (a fala, a leitura e escrita, em termos de facilidade e compreensão) não é objetivo final para o processo educativo, mas, sim, o desenvolvimento do pensamento, por meio do qual podem originar-se compreender e o ser verbalmente competente.

Por outro lado, frequentemente observamos que as dificuldades de fala, de leitura e, como conseqüência, de escrita produzem complicações na aprendizagem escolar e apresentam incidentes no diagnóstico de crianças com problemas de adaptação.

A fala e a leitura não são habilidades isoladas: elas fazem parte de um processo lingüístico complexo, percorrido, desde o nascimento, em etapas interdependentes.

A criança começa recebendo estímulos auditivos, visuais, táteis, olfativos e gustativos que, uma vez associados tornam-se significativos. Com eles, ela forma uma linguagem interna. Simultaneamente, a criança escuta símbolos auditivos que

representam acontecimentos de seu ambiente que, progressivamente, também passam a ser significativos. Assim, está desenvolvida a linguagem perceptiva.

Após um período de assimilação, e por imitação, a criança começa a utilizar símbolos verbais que compreende e emprega adequadamente, entrando na fase da linguagem expressiva.

Quando ingressa na escola, pela imposição de símbolos visuais verbais a sua linguagem auditiva (fala), a criança aprende a ler. A palavra impressa representa símbolos sonoros que, por sua vez, são representativos da experiência pessoal. A partir daí, a criança é capaz de expressar-se através da escrita.

Retomando as etapas seqüenciais do desenvolvimento da linguagem, elas podem ser resumidas como:

-adquirir significados;

-compreender o que ouve;

-expressar-se oralmente;

-compreender a palavra impressa (leitura);

-expressar-se pela palavra impressa (escrita).

Qualquer percalço nessa trajetória poderá significar uma dificuldade ou interferência na aprendizagem e no desenvolvimento da linguagem. E isto deve merecer a atenção dos professores. Segundo Freire (2001, p.69 “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos ignoramos alguma coisa”).

Ao mandar os filhos para a escola, os pais têm uma expectativa clara: meu filho vai aprender a ler. No entanto uma percentagem significativa de crianças não aprende a ler, contrariando o esperado. As razões para essa decepção podem ser as mais variadas:

-imaturidade na iniciação da fala e da leitura;

-alterações no estado físico e sensorial;

-problemas emocionais;

-carência socioeconômica e cultural;

-metodologia defeituosa e procedimentos didáticos inadequados;

-incapacidade para aprender.

Todas as dificuldades apontadas podem-se transformar em verdadeiras inabilidades para falar, para ler e escrever.

No entanto, o que muitas vezes os pais e professores não consideram, é que a leitura e a escrita são habilidades que exigem da criança a atenção a aspectos da linguagem aos quais ela precisa dar importância, até o momento em que começa a aprender e ler. Por isso, toda criança encontra alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. A leitura e escrita exigem novas habilidades, que não faziam parte de sua vida até aquele momento.

> Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e escrever palavras e frases, já estamos "lendo", bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (Freire, 2001, p.71)

A criança, ao aprender a ler, precisa começar a concentrar-se no fato de que a linguagem falada consiste de palavras e sentenças separadas. É necessário que ela descubra também as palavras e sentenças escritas correspondentes a essas unidades da fala. Esta é uma forma de compreensão da linguagem que não aparece tão facilmente nas crianças mais novas.

2.5 A importância e o papel do Professor

> "(...) Há muitos professores e profissionais da educação, mas poucos educadores. Falta o professor educador que em primeiro lugar se preocupa em conhecer seus alunos e só depois diz a eles, de maneira clara, honesta e adequada, aquilo que os educa, de fato, para a vida." (Cagliari, 1998, p.38)

Esse profissional assume papéis diferentes na promoção do desenvolvimento e aprendizado dos alunos, devido as suas especificidades:

- Propiciador de atividades, situações e recursos que levem o aluno a aprender e aprender;
- Mediador no processo ensino-aprendizagem do aluno;
- Monitor do aluno nas atividades e situações de sala de aula;

- Condutor, elucidador (espelho) informador.

Para o desempenho desses papéis o professor precisa:

- Acompanhar a criança, propondo-lhe situações desafiadoras em contato com materiais ou conteúdos (o objeto de conhecimento) provocantes para ela, no sentido de levá-lá a investir nesse objeto, configurá-lo e apreendê-lo como um problema para si própria.

- Conhecer e compartilhar do objetivo básico da escola, que é o de educar.

- Cooperar para que o aluno alcance os objetivos estabelecidos pelo professor/escola.

- Intervir e tentar promover modificações no processo de ensino-aprendizagem, de forma a possibilitar que todos os alunos aprendam e melhorem o seu desenvolvimento pessoal e social.

- Guiar, orientar e ajudar os alunos durante as atividades.

- Observar a forma como as crianças agem e se relacionam, com as atividades propostas, com o objetivo de selecionar e planejar estratégias adequadas e pertinentes que lhes possibilitem avanços no nível de conhecimentos e competências.

- Propiciar auto-estima e confiança no aluno de forma a torná-lo cada vez mais autônomo.

- Promover uma interação mais afetiva e comunicativa com a criança e desta com seus colegas.

Dentre outras mais.

O Professor deve dispor de material didático bem detalhado para que possa melhorar o conteúdo de sua aula. Ele deve criar condições propícias para que a criança aprenda, interagindo e observando-a por todo o tempo, sem desprezar nenhuma criação feita por ela.

No ensino infantil, os professores, trabalham com materiais gráficos, como: figuras, cartazes e a partir dessas construções gráficas que a criança constrói idéias que se modificam gradativamente à medida que seus conhecimentos progridem, então compete ao professor, tentar entender o que a criança quis expressar graficamente.

Portanto, as intenções de escrita só podem ser conhecidas se o professor se dispuser a desempenhar o papel de interlocutor da criança. Ao dar a devida atenção às

idéias da criança e tentar entender o que ela manifestou graficamente, pouco a pouco o professor lhe dará informações sobre a língua escrita na hora certa.

O grau de orientação e ajuda do professor dependerá da competência ou da dificuldade da criança das tarefas propostas; quanto maiores forem suas dificuldades para realizar a tarefa de uma forma autônoma, maior será a necessidade de guiar, dirigir e apoiar o processo de aprendizagem que realiza, procurando até mesmo, metodologias de ensino mais estruturadas e direcionadas.

2.6 Processo de Início da alfabetização

No início do processo de alfabetização de uma criança, muitas das habilidades necessárias para o desenvolvimento da leitura e da escrita encontram-se bastante desenvolvidas. Por volta dos 5 anos, a criança já sabe falar muitas centenas de palavras, reconhece objetos e formas desenhadas, além do que dispõe de processos gramaticais importantes para a compreensão e a produção da fala.

No entanto, a aprendizagem da leitura e da escrita exige da criança a atenção a aspectos da linguagem aos quais ela não precisava dar importância até aquele momento. Assim a aprendizagem da leitura e da escrita requer, em especial, que a criança entenda como o sistema de escrita funciona, isto é, ela precisa compreender o princípio alfabético. Para a compreensão do princípio alfabético são necessários três fatores: 1) a consciência de que é possível segmentar a língua falada em unidades distintas; 2) a consciência de que essas mesmas unidades repetem-se em diferentes palavras faladas; 3) o conhecimento das regras de correspondência entre grafemas e fonemas.

2.7 Aprendizagem e desenvolvimento da leitura

A criança lê o mundo que a rodeia muito antes de um aprendizado sistemático da leitura e escrita. Esse aspecto é percebido facilmente quando a leitura de histórias, livros, sobre assuntos específicos como: animais, meios de transporte, poesia, uma notícia de jornal, um bilhete, etc.

A criança precisa conviver com a leitura como um instrumento que tem uma função social. A leitura existe para que o leitor possa relembrar um fato registrado anteriormente, saber notícia de alguém distante, buscar uma informação num livro ou num dicionário, saber o que acontece numa história, e outras tantas possibilidades.

Como acontece com a escrita, e o professor que lê para a criança, enquanto ela ainda não consegue realizar essa atividade com autonomia, ou seja, enquanto ela ainda não lê convencionalmente. Porém, no decorrer do processo, a cada momento em que ler, se faz necessário como parte de um trabalho de busca, de informação, de esclarecimento ou outra finalidade em que a criança precisa buscar o sentido do texto, o professor insere a criança na situação de leitura, incentivando-a a utilizar seus conhecimentos para encontrar, no texto escrito, os indícios que lhe permitam elaborar uma compreensão acerca de seu conteúdo.

Antes, porém de falarmos sobre a leitura que utiliza código lingüístico, queremos lembrar que, desde muitas provas, as crianças aprendem a fazer outras leituras que utilizam outros códigos de representação, mas que são igualmente importantes para a formação do pequeno leitor. É o caso por exemplo da leitura de imagens no ensino infantil, na escola de um modo geral, a leitura de imagens é pouco aproveitada.

Desde muito pequenas as crianças reconhecem essas imagens, compreendem o seu significado e dessa forma lêem.

Símbolos referentes a diferentes áreas de informação vão sendo absorvidos e passam a fazer parte da vida diária, e muitas vezes, não nos damos conta de sua presença: os sinais de trânsito, em seu vasto conjunto, são exemplos dessa informação sem letras que fazemos todos os dias. Os ícones dos programas de computadores são também exemplos de objetos de leitura que fazemos costumeiramente. Essa linguagem tem uma grande vantagem sobre a linguagem oral e a escrita: sua compreensão independe da língua do falante e do conhecimento da linguagem escrita. Tende a ser internacional e, nessa perspectiva, será cada vez mais presente na vida de todos.

Essa leitura de imagens, essencial na sociedade cada vez mais saturada de tecnologia digital, não pode ser desconsiderada na pré-escola, pois não apenas prepara a criança para a leitura e escrita de textos, como também permite a leitura de informações antes que ela aprenda a ler textos escritos.

Os livros literários infantis utilizam a linguagem visual em conexão com a linguagem escrita, explorando essa “transição que a criança vivencia de um tipo de leitura feita com base nos signos visuais para outra feita com base nos signos linguísticos.

No que tange à leitura de textos escritos, há no ambiente escolar, muitas oportunidades para que as crianças, vivenciam situações de práticas de leitura , tanto às leituras, como aquelas que ela faz sozinha com os conhecimentos já adquiridos, isto é, com seus próprios recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes umas das outras, em cada período de suas vidas, as crianças precisam ser compreendidas e atendidas em sua singularidade, Entretanto tal singularidade acontece dentro de padrões de desenvolvimento esperados. O processo de aprendizagem de vida ocorre sempre na relação Eu – Outro.

Percebe-se que não se constrói leitores e escritores através de ensino mecânico e repetitivo. A língua é um fenômeno social, dinâmico, vivo e mutável, não funciona sempre do mesmo jeito, ela muda de acordo com o contexto, a situação de produção e a intenção do interlocutor. Portanto a aprendizagem não significa repetir modelo pré-determinado, mas a capacidade de fazer uso da linguagem em diferentes situações de comunicação, usar a língua para seus variados fins.

A conclusão que pode ser tirada da leitura deste trabalho é a dificuldade e complexidade para se determinar as causas que contribuem para o desenvolvimento de aprendizagem da escrita e da leitura a partir do ensino pré escolar. No entanto, o fato de não responder a esta pergunta não deve desviar a atenção de outras também relevantes: como a ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos, preocupados com a antecipação da escolarização, os professores submetem as crianças ao aprendizado da leitura e da escrita e, grosso modo, fazem isso pela via do treino da escrita de letras, sílabas e palavras. Esse treino de “escrita”, num momento em que a criança não está preparada, a experiência da escrita vai se tornando, desde cedo, uma experiência negativa do ponto de visita emocional: a criança vai acumulando uma história de fracasso (e de cansaço) em relação à escola e à escrita.

Então falar em leitura e escrita, na fase inicial, significa falar em formação competente do professor para atuar nessa fase. Essa interlocução professor-aluno-

escola-formação dão a medida certa, nesse momento, para a formação de leitor e escritor desde as séries iniciais do ensino fundamental, até os outros cursos subseqüentes.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C., **Alfabetizando sem o Ba – bé – bi – bó – bu,** pensamento e ação no magistério, 3ª edição, São Paulo: Scipione, 1998.

CAMARA JÚNIOR, J. M., **Manual de expressão oral e escrita,** 23ª edição, Petrópolis: Vozes, 2004, p. 09 - 16.

FÁVERO L.L, ANDRADE M. L. C. V. O. e AQUINO Z. G. O., **Oralidade e escrita,** perspectiva para o ensino de língua materna**,** 3ª edição, São Paulo: Cortez, 2002, p. 09 -11, 69 - 72.

FREIRE, P., **A importância do ato de ler**, Em três artigos que se completam, 47ª edição, Cortez, 2006

MARCUSCHI, L. A., **Da fala para a escrita,** 8ª edição, São Paulo: Cortez, 2007, p. 15 - 43.

MILLER, S., MELLO S.A., **O desenvolvimento da linguagem oral e escrita em crianças de 0 a 5 anos**, Coleção educação infantil, Pro-infantil , 2008

VIGOTSKY, L. S., LURIA A. R. e LEONTIEV A. N., **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem,** 3ª edição, São Paulo: Ícone, 1991, p. 103 - 117, 143 - 189.